

programação da cinubiteca
www.labcom.ubi.pt/cinubiteca
universidade da beira interior
licenciatura em cinema
14 | dezembro | 04

ciclo { cinema documental }*



os mestres loucos les maîtres fous

1955 . FR . 28'

realização

Jean Rouch

argumento

Jean Rouch

imaginado pelos intérpretes

produção

Jean Rouch

Les Filmes de la Pléiade

fotografia

Jean Rouch

> Ao escolher este filme do cineasta Jean Rouch, que foi professor catedrático das universidades de Paris (Panthéon-Sorbonne e Nanterre) e uma autoridade mundial na história do cinema, ex-Presidente da Cinemateca Francesa e Secretário Geral do Filme Etnográfico no "Musée de l'Homme" de Paris até à morte trágica que ele teve há cerca de um ano, faz-me lembrar as discussões que ele tinha no Atelier/Escola da Cinemateca francesa, aos sábados de manhã, em sessões de filmes enquadrados num seminário anual "Cinéma et Sciences Humaines", que eu frequentei e acompanhei a partir de 1988. As discussões tinham como objectivo o seu trabalho realizado, que visava a apropriação de "um olhar diferente" que permitia realizar filmes de ficção, documentários e etnográficos no domínio das ciências sociais e humanas que assentam numa profunda interacção entre o cineasta e o assunto filmado.

Reflexão sobre a história do cinema, e daquele cinema a realizar partindo do conhecimento da realidade que nos circunda para depois estudar-se particularmente o processo de ajustamento inter-funcional (olho/ posição da câmara) com o visionamento analisando os diferentes pontos de vista da imagem/som.

Depois da projecção na Cinubiteca, falaremos do jogo mágico do filme-poesia de Jean Rouch, criador de imaginários e com um pensamento em permanente ebulição. O seu caminho iniciático e o futuro etnógrafo num ambiente de surrealismo. Das suas amizades essenciais, da sua experimentação e provocação e da sua obra no saber olhar e saber amar o Outro.

Entretanto convido-vos a ler um artigo interessante de Regina Guimarães, que participou no ciclo de cinema "O Olhar de Ulisses", no Teatro Rivoli do Porto, na programação da Odisseia nas Imagens, organizado pelo Departamento de Cinema, Audiovisual e Multimédia da Porto '2001, que privilegiou filmes documentários e de ficção como articulados e complementários. <

A OBRA-PRIMA QUE INVENTA A OFICINA

> Regina Guimarães

O título – **Les Maîtres Fous** – promete muito a quem ainda não teve a oportunidade de ver este filme ímpar e evoca ainda mais a quem, incansavelmente para ambas as partes – e de que parte de nós, de que partido partimos (?) para participar, com os olhos do espírito e os nós cegos do corpo naquilo, indizível, que Rouch, passo a passo, lê, traduz e legenda com o seu comentário, explicitando de mais para que qualquer fascínio folclórico-místico se instale e possa mediar a fusão interlocutória entre o olhador e a coisa olhada, depois de ter obrigado a sua câmara, próxima demasiado próxima, exibindo despidoradamente a respiração curta de uma violação, a mostrar na proporção inexacta da fúria de oculto. Neste seu trabalho, onde se alicerça todo um programa de prática e pesquisa, Rouch alia o lado brutal de uma arte em busca de empatia com as técnicas do gesto, à vocação de construir, acabar e inacabar – a montagem e a sonorização constituem aqui um verdadeiro tratado de acabamento. Aliás, os filmes mais emocionantes deste nosso mestre do cinema etno-excêntrico têm a beleza das casas onde se adivinha o desenho, o traçado mental (viagem de um homem no espaço do seu olhar) sem que a cerebralidade do projecto, transformado em objecto, impeça fruição plástica, sensual, matéria. O cinema dele é pensado e vivido como forma de relação fantasmática e perversa com o espectador virtual, mas genuinamente de diálogo com o outro, latente, que a objectiva revela e protege – em quem é filmado tanto como em quem filma. Não foi o olho ciclópico da sua câmara dançante capaz, um dia, ao poente, de provocar um estado de transe a tempo de o fazer "caber" num plano-sequência cuja duração corresponde aos limites de um magasin 16mm?

Em **Les Maîtres Fous** confrontamo-nos porventura com a dura escavação dos alicerces de um cinema cuja força de intimidade provém, *et pour cause*, de uma intimidade forçada.

Porto, Janeiro de 2001



exibição

14 | dezembro | 04

18h00

cinubiteca

{anf.1}